

Nós e eles: narrativas e depoimentos para dias nublados

Ficha técnica:
Edição de Texto: Jully Ana Mendes, Paula Bulka
Durães e Thiago Fedacz Anastacio
Artes e Fotografia: Chananda Lipszyc Buss
Diagramação: Thiago Fedacz Anastacio
Edição de imagem: Jully Ana Mendes
Orientação: José Carlos Fernandes



Labirinto

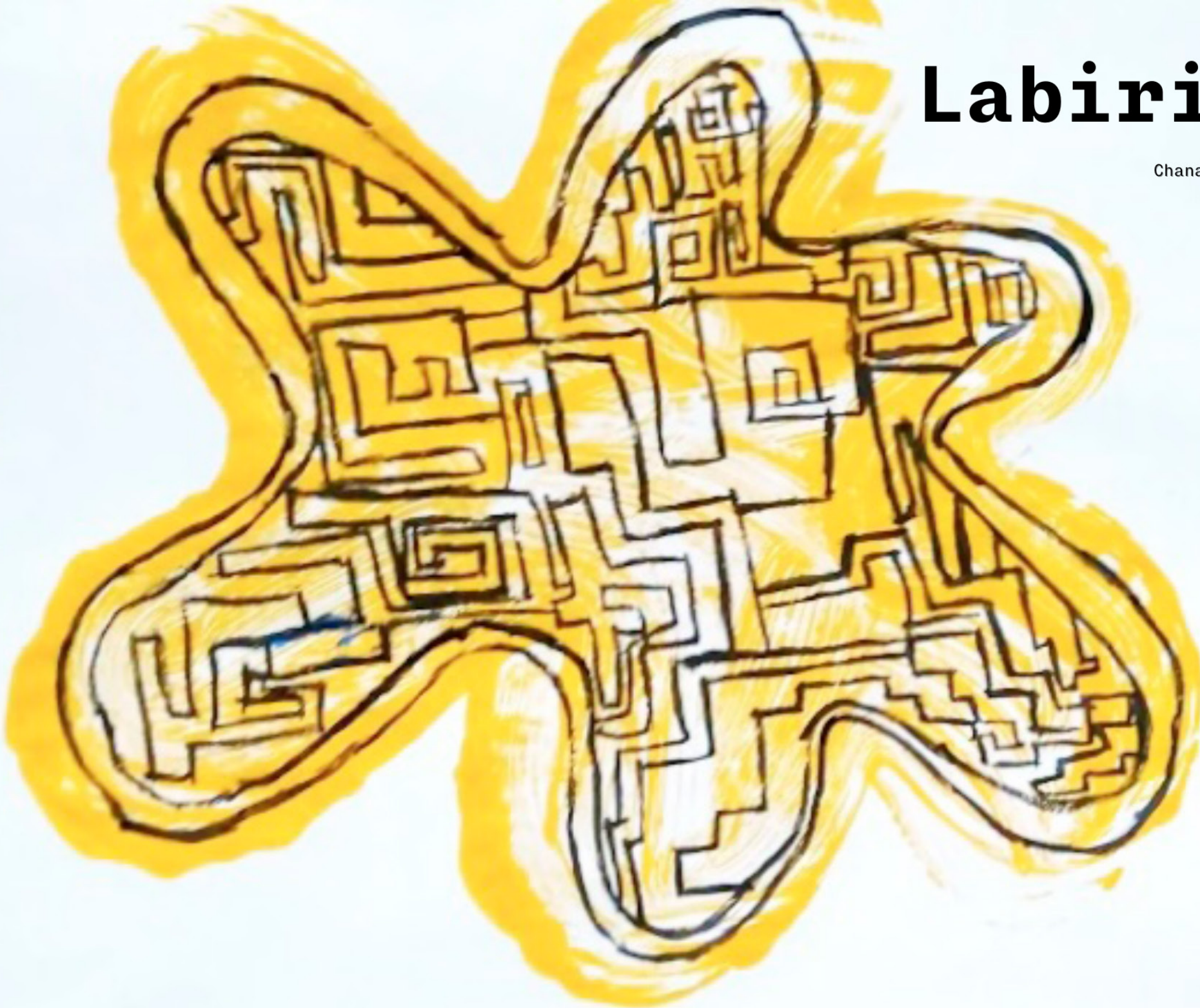
Autores:

Chananda Lipszyc Buss

Jully Ana Mendes

Marina Anater

Munira Bark



Uma história de machucados, telefone sem fio e confusão

Como a tentativa de cozinhar um bolo e salvar minha cadela acabou se desenrolando em um relato de ida ao hospital, ligação para os bombeiros e nervosismo

Por Chananda Lipszyc Buss

Essa é a história sobre uma garota de 12 anos que escrevia poesias para entender os novos sentimentos que surgiam na vida dela. A lateral do seu indicador tinha pequenos calos, revelando um grande uso de lápis e caneta. Sua boca também estava sempre aberta, se comunicando. Ela era eu, há alguns anos.

Estava misturando os ingredientes em um pote para fazer um bolo. Logo após colocá-lo no forno, Clarinha, minha cadela, começou a chorar. Ela já tinha uma idade avançada e necessitava de muitos cuidados. A animal de estimação se encontrava atrás de uma porta que estava entreaberta. Em uma tentativa de entrar rapidamente, choquei-me com a janela de vidro, que se encontrava na altura da porta. Ela se quebrou. Os cacos se espalharam pelo chão. Meus olhos se fixaram em meu braço, sangrando intensamente.

Havia a necessidade de ir ao hospital, então minha mãe se propôs a dirigir até lá. Ao chegar, descobriu-se que era preciso ter no mínimo 14 anos, mas eu tinha acabado de completar 12. O sangue já estava vazando pela toalha grossa que usava para contê-lo. O receio do desconhecido invadia o meu corpo infantil. Tentou-se ir a outro local, que atendeu. O médico fez uma ligação antes de realizar os pontos. Parecia que ele nunca pararia de falar.

Minha mãe não estava comigo. Ligava para o bombeiro. O bolo que deixei no forno no meio dessa confusão a preocupava. Devo dizer que eu estava ligeiramente preocupada com um incêndio em casa. E ainda ser a culpada disso. Na realidade esse era meu maior medo.

Meu braço só precisava de uns pontos, já que o sangue finalmente havia sido contido. A casa tem dois andares, formando um grande cubo. Como um cubo mágico, tanto pela forma, quanto pela magia de guardar tantas histórias.

“198, 196, 199, 103...” Ela tentava ligar para os bombeiros do telefone do hospital, com tentativas falhas. Simplesmente não conseguia discar 193. Sua mão tremia. Então, teve duas ideias. Primeiramente, disse a minha irmã, que estava viajando, ligar. Também pediu ao meu irmão dizer para o vizinho pular o muro e checar a situação. As duas falharam. Não é possível ligar para os bombeiros remotamente, o contato é exclusivo com os locais. O vizinho havia feito uma cirurgia e não conseguia pular o muro. A costureira de confiança ligou para minha mãe afirmando que havia um homem tentando pular o muro e fumaça saindo pela casa. Uma vizinha, que a ouviu, ligou para dizer que a casa estava em chamas. Ela ficou ainda mais preocupada.

O médico finalmente começou a costurar o corte. Uma expressão de dor dominou a minha face. Não houve reclamação, pelo fato de achar que era normal. Um tempo depois acabou e fui até a minha mãe na portaria. Ela estava visivelmente tensa. Voltou o mais rápido possível para casa. O caminho parecia ter durado o triplo do tempo. No rádio, falava-se sobre a Copa do Mundo e algumas dessas palavras, aleatoriamente, pairavam no pensamento. Tentava me focar no presente e não na possibilidade de chegar em um incêndio. Ao retornar, toda a estrutura da casa aparentava estar intacta.

Entrou-se na casa, não se sentiu nenhum cheiro de queimado e nem se viu algo pegando fogo. Na sala, o mesmo cheiro de lavanda de um spray que estávamos testando. Deu-se mais passos até a cozinha, que também estava normal. A respiração da minha mãe estava aliviada. “Vamos abrir o fogão então, aqui deve ter um problema.” Ela tirou o doce. Se encontrava amarelinho, com pedacinhos de fubá. Assim como se espera um bolo depois de assá-lo. Nos estressamos, ficamos nervosas, mas no final sentamos juntas comendo despreten-siosamente. Ouvia-se a música *Cool Kids*, que servia como uma boa trilha sonora para o momento. E a fumaça que a costureira falou? Bem, quem conta um conto aumenta um ponto, ainda mais com um telefone sem fio como esse.

Daltonismo imobiliário

O dia em que uma garota de cidade do interior inocentemente fez invasão de propriedade em uma cidade grande

Por Marina Chioca Anater

Era uma terça-feira fria, principalmente considerando ser mês de fevereiro, mas em Ponta Grossa sempre venta muito, e eu tinha uma jaqueta. Cinco horas da tarde, do meu segundo dia de universitária, saí da UEPG cansada, me despedi dos novos amigos e retornei para o apartamento da minha prima que fica a poucos metros da universidade. Sentia sono, fome, frio e muita vontade de ir ao banheiro. Chegando no portão de entrada, coloco a chave na fechadura, mas ela não gira, respiro fundo frustrada. Isso já tinha acontecido antes, porém nas outras ocasiões Natália, a prima que generosamente dividiu seu apartamento comigo naquela semana, dizia: “É só um jeitinho, com o tempo você aprende”. Tirei a chave, a coloquei de volta e nada. Inúmeras tentativas fracassadas depois, decidi sentar na calçada esburacada e esperar.

Cerca de 20 minutos e várias fases de um joguinho de celular depois, uma moradora do prédio chega e deixa que eu entre com ela. Observo que ela ajuda uma outra moça que esperava sentada no sofá do lobby a carregar algumas coisas para fora do prédio. Enquanto entro pelo corredor verde, percebo que é a primeira vez que passo por ali e a janela do apartamento do térreo está fechada. Subo uma leva de escadas e me surpreendo: aparelhos de academia haviam sido instalados na pequena varanda entre os andares do prédio. Chegando na porta, a frustração retorna ao meu peito quando a chave não gira novamente. Tenho certeza que aquela chave está estragada, ou pior, amaldiçoada, pois parece ser o único obstáculo me impedindo de ter o descanso tão ansiado.

Pouco tempo se passa enquanto espero sentada na soleira da porta, quando uma corretora de imóveis chega com um casal e sua filha

para mostrar o apartamento da frente. A família pretende alugar o lugar para a menina, que também havia começado a estudar naquela semana. Escuto as conversas deles. O pai pergunta o nome do prédio e é respondido pela corretora: “Órion”. Senti um certo desconforto. Aquilo pareceu errado, mas antes de poder falar algo, eles decidiram me ajudar, várias tentativas sem sucesso. Depois de alguns elogios feitos por mim para o prédio, e promessas de amizade com a possível nova vizinha, a família vai embora e eu me encontro novamente sozinha, encarando aquelas paredes verdes.

Então começa meu processo de estranhamento, as paredes verdes de repente parecem diferentes: o tapete de cachorrinhos que Natália limpa os pés antes de entrar em casa não estava mais ali, a voz da corretora falando “Órion” ecoava na minha cabeça, eu tinha certeza de que era Ônix o nome correto. Penso então na academia, na janela fechada e no sofá da entrada, que eu nunca havia sentado. Olho para os lados e tudo está diferente, não encontro as contas não pagas e as revistas recebidas pelo vizinho da esquerda que ainda não voltou das férias, e o adesivo do extintor de incêndio não tem letra alguma faltando, diferente de como eu lembrava.

Meu telefone toca enquanto tenho uma epifania. Eu atendo rindo, é minha mãe que se assusta com minha reação e eu explico: “Mãe, eu entrei no prédio errado”. Acontece que, ao lado do prédio onde minha prima mora, há outro quase igual, mas azul, e menos bem cuidado, construído provavelmente pela mesma pessoa, mas com pequenas diferenças como a cor e, é claro, os moradores.



De forma tão inocente que
chega a ser azul, ela
adentra o edifício. De
forma inocente, ela faz o
que se vê como criminoso.
Ela faz azul o que de
costume é vermelho e preto.
Ela é daltônica.
Daltônica do daltonismo
imobiliário.

Aniversário no lago

Um jovem empolgado leva a frase “havia uma pedra no meio do caminho” a outro nível, tornando o que seria mais um aniversário em um dia tragicômico e inesquecível

Por Jully Ana Mendes

Um dos momentos mais esperados pelo paraense é o mês de julho, porque, apesar do calor intenso dessa época, é o mês das férias escolares. E como quaisquer boas férias, as de 2008 reservaram uma ótima história. Tudo começou em Salinópolis, ou melhor, “Salinas”, um dos destinos mais procurados da região nesse período. Enquanto o Brasil era governado pelo presidente Lula e se preparava para as olimpíadas de Pequim, minha família também se preparava, mas no nosso caso, para ir à praia.

E fomos em um grande grupo: meu pai (Márcio), acompanhado de sua ex-namorada espanhola e por mim, uma criança na época; minha tia (Bethânia), muito expansiva, acompanhada por seu marido (Armando) e seus três filhos pré-adolescentes; e a amiga da família (Kátia), acompanhada de seus três sobrinhos também pré-adolescentes e de seu ex-namorado – recém saído da adolescência, diga-se de passagem. No final de semana, todos, embalados pelo CD *Summer Eletrohits*, seguiram felizes rumo à Salinas.

Chegamos à cidade no dia do aniversário da Bethânia. Foi um evento. A aniversariante normalmente já era muito vaidosa. Some-se o fato de estarmos no “point” regional, comemorando o seu aniversário. Sua produção estava impecável, assim como a de seus companheiros. Estávamos todos com nossos melhores trajes de banho e acessórios, numa elegância só. Depois de aproveitar um belíssimo dia na praia, foi feita a divisão de quem ia com quem nos carros. O namorado da Kátia se prontificou de levar os jovens na caminhonete que sua amada havia alugado especialmente para viagem – uma Hilux recém-lançada. Então, sem respeitar o limite de pessoas per-

mitido, lá fomos nós voltando para o hotel “sem os velhos”.

O caminho foi uma diversão só. Até que escuto uma conversa do motorista com o copiloto sobre atravessar o lago que tinha na rota “pra testar o 4x4 do carro”. A ideia parecia estúpida e, de fato, era. Do nada, o carro para e o que parecia ser uma simples “atolada” se transformou num pesadelo. Lembro de ouvir alguns gritos e, quando me dei conta, a água do lago estava quase alcançando o nível da janela da picape. Saímos pela janela e atravessamos o lago a pé. Ao tocar com os pés na água, podia-se notar que aquele lugar não era nada adequado para um banho, era completamente imundo. Por ser a mais nova, fiquei responsável por ficar segurando os objetos importantes na areia enquanto os outros tentavam resolver o problema.

O carro estava exatamente no meio do lago e, em frente de um dos pneus, havia uma grande pedra que o impossibilitava de sair do local. Nas laterais só era possível ver grama em uma espécie de manguezal cheio de sapos. Os “não jovens” que estavam nos outros carros chegaram e aí a situação ficou caótica de vez. Toda a elegância se esvaiu. Minhas tias gritavam da outra margem com o motorista irresponsável e, entre muitos impropérios, consegui identificar até uma ameaça de término. Meu pai, que a essa altura do dia já estava bêbado, resolveu mergulhar na sujeira por achar que assim conseguiria mover a pedra, uma tentativa falha, porém, corajosa por assim dizer.

Íamos ficando cada vez mais sem a luz do sol para nos iluminar, o barulho dos sapos ia ficando cada vez mais intenso, entrei em completo desespero, sozinha, na margem contrária a de meus

responsáveis. O coração acelerava cada vez mais e o xixi escorria nas pernas trêmulas. Estava imóvel até me tornar alvo dos gritos de desespero vindos do outro lado, que me motivaram a atravessar novamente o caminho tortuoso do lago para ficar ao lado de algum adulto.

Por sorte, com o decorrer do tempo, e com a chegada de novas pessoas no local, foi possível realizar a retirada do carro. Ao sair, nem o odor intenso do veículo atrapalhava a felicidade de se livrar daquela situação. Ao chegar no hotel, Armando colocou na mesa da área da piscina um bolo que eles compraram em meio a esse caótico trajeto. Ao cantar os parabéns, percebia que não havia mais desespero ou raiva em minhas tias, que não havia mais lama em meu pai. Tudo estava bem.

Construí uma montanha russa no quintal

“No segundo ano do Ensino Médio eu estava com muito tédio em uma aula e resolvi começar a desenhar uma montanha russa e foi indo”, diz Gustavo machado

RESUMO Gustavo Machado, estudante universitário, está construindo uma montanha russa no quintal de casa. Ele é fascinado por parques de diversões desde criança e tem essa ideia em mente desde os 14 anos. Em 2020, decidiu a colocar em prática.

Depoimento a CHANANDA LIPSZYC BUSS

Pô, eu acho que sou um cara meio sem noção do que é normal ou do que não é normal de se fazer. Sempre gostei de fazer as coisas que talvez fossem impressionar alguém. A coisa mais legal é falarem “nossa, eu podia jurar que você não ia fazer”. Quando criança, eu gostava de brincar com as coisas que as pessoas não acreditariam que eu faria.

Desde pequeno eu gostava muito de parque de diversões. Uma memória que tenho muito forte é de ir para a capital e passar de carro pelo Playcenter com a minha mãe. Também, quando ia para o interior, pensava se o Hopi Hari era por ali. Ficava vidrado olhando a janela esperando aparecer o parque. Mesmo não indo, ver já era uma coisa que me fascinava.

Lá pelos 14 anos, vi na internet uns vídeos do Will Pemble, que construiu uma montanha russa para o filho. Achei muito legal, lembro que mandava umas indiretas para o meu pai, porque eu queria ajudar a construir uma. Eu tinha noção de que era uma criança e se chegasse para alguém e falasse que queria construir uma montanha russa as pessoas iriam ficar “ah tá bom, senta lá”.

No segundo ano do Ensino Médio eu estava com muito tédio em

uma aula e resolvi começar a desenhar uma montanha russa e foi indo. Isso foi em agosto de 2018. Esse ano [2020] eu criei coragem, falei com meus pais e meus avós, que são os donos do terreno, todo mundo topou. Estou construindo uma montanha russa no quintal. Meu tio, quando eu era mais novo, me dava várias ferramentas de aniversário. Acho que isso acabou me incentivando.

A melhor coisa disso é olhar no final do dia e ver tudo que foi feito. O resultado é a coisa mais gratificante possível. Isso já faz tudo valer a pena. Ver uma estrutura de 4,5 metros no meu quintal e falar que fui eu que fiz isso. Satisfação de ter algo assim. Às vezes chego lá e fico só olhando, uns 30 segundos lá parado. É legal ver uma estrutura grande assim.

Eu acho que uma coisa que gostaria de abrir um dia seria um parque de diversões próprio, com atrações 100% feitas pelo parque. Isso seria bem legal. Concorrer com um Hopi Hari, com um Beto Carrero. Eu gostaria de fazer uma montanha igual a essa [do quintal] só que em uma escala muito maior. Exemplo: se ela consegue comportar uma pessoa por vez, eu faria uma que consegue comportar tipo 12.

Sempre que eu estiver terminando um [projeto] vou engatar outro. Acredito que minha vida inteira vai acabar sendo isso. Agora mesmo

eu já fico pensando em um milhão de projetos que eu gostaria de fazer. No momento o mais agradável, porque está muito calor, é um toboágua. Estou até com vontade de fazer um antes de terminar a montanha russa.

Um dia, o criador de Phineas e Ferb comentou e duetou o meu vídeo [do Tik Tok]. Isso foi o mais absurdo que já aconteceu. Eu não assistia muito [Phineas e Ferb]. Não acho que foi uma coisa que me inspirou, porque tudo parecia muito artificial e longe da realidade. Amava a série e até hoje acho que é uma das melhores, mas acho que eles tratam de um jeito muito superficial. Lembro de ver a estrutura da montanha russa e ficar “mano, como que um carrinho anda em cima disso? Tipo, esse negócio tá todo torto, o carrinho vai...”. Não faz sentido isso.

Acho que em partes eu queria muito isso [criar conteúdo sobre a montanha russa no Tik Tok] porque quando era mais novo eu pesquisava muito sobre e encontrava pouco conteúdo. Faço algo que imagino que o meu eu do passado adoraria assistir. Espero que tenham algumas pessoas que sejam como eu do passado, que estejam gostando. Não é nada mais do que eu gostaria de ter assistido alguns anos atrás. Nunca na minha vida [eu imaginaria alcançar tanta gente]. Eu falava que no dia que terminar a montanha russa teria 20 mil seguidores porque vai viralizar o vídeo. Agora tenho mais de 700 mil. Foi bem mais insano do que eu estava imaginando.

O “caso” da Di Frango

Curitiba, anos 2000, inverno, sexta-feira chuvosa, final de expediente, uma mulher cansada e ciumenta voltava para casa

Por Munira Bark

Essa mulher era Janaina, minha mãe. Após trabalhar o dia todo incansavelmente, uma professora de inglês que falou hora após hora, queria apenas chegar em casa. Como de costume, seu marido – meu pai – iria buscá-la, além de que, em meio a tempestade que fazia, era o mais seguro a se fazer. Pouco antes de acabar suas aulas, recebera a notícia de que não teria nenhum carro a esperando em sua saída. Meu pai não conseguiria cumprir com o combinado, pois já havia ido para casa e precisava fazer “algo” – fato que minha memória, infelizmente, não consegue resgatar das tantas vezes que ouvi essa história.

“Teacher” Jana, com humor deveras alterado, para sermos modestos, juntou todas as suas moedas, já que ela não tinha dinheiro algum em mãos, e resolveu ir de ônibus para seu apartamento no Água Verde, bairro da nossa saudosa Curitiba. No meio do trajeto de retorno ao seu lar, passou em frente a um dos restaurantes favoritos do casal na época, senão até hoje: o famoso “Di Frango”, localizado na grande avenida Presidente Kennedy. Enquanto olhava e pensava em sua fome, viu um carro, que não era qualquer carro, era “o nosso carro”. Supostamente, era o veículo que eles tinham na época e ela esperava encontrar na saída da Copel, onde lecionava. Sem mesmo olhar a placa do automóvel, se atentou apenas à cor e ao adesivo colado (quem viveu nos anos dois mil recordará, a maior moda era ter um adesivo na traseira de seu carro). Acionou a cordinha do ônibus e desceu enlouquecidamente no meio da chuva.

Foi entrando no recinto, e por azar do destino, havia um homem sentado de costas, com uma bela mulher e uma jaqueta idêntica à que meu pai sempre usava. Os dois bebiam vinho e isso colaborou

para o planejamento da cena, na qual mamãe chegaria e jogaria bebida na cara dos dois e sairia plena... cena de novela, não? No mesmo segundo em que ela puxou o homem pela jaqueta, caiu a ficha! Aquele não era seu marido. Mesmo sem saber onde se esconder de tanta vergonha, pediu desculpas para não causar maiores problemas no relacionamento alheio e saiu devagar. Imagine a cena: uma mulher cansada, no frio e na chuva, agora com raiva e vergonha.

Querendo voltar ao seu conforto rapidamente, chamou um táxi para pagar na hora que chegasse, já que ela não estava com dinheiro. Chegou, não falou uma palavra sequer do que aprontou para seu esposo – que nesse momento já estava em casa assistindo a um filme – e foi para o banho. Contou a história à minha bisavó, que morava com ela na época, riram bastante, e, assim, o assunto morreu. Um mês depois, ela criou coragem de contar. Na época, meu pai ficou extremamente bravo, pois ela deveria confiar nele e nem imaginar coisas do tipo. Hoje, contam rindo e virou um “causo” para ser contado nas rodas de churrasco.

Com essa história, penso, será mesmo que tudo era tão propício a levar meu pai à culpa ou a nossa cabeça, quando quer, fantasia coisas? Tenho sempre esse pensamento em mente e isso me faz analisar uma situação diversas vezes para diminuir paranoias momentâneas.

A nossa mente antecipa muitas coisas. Talvez tenha antecipado esse cubo no desenho, mesmo que sejam somente alguns círculos vazados. Assim como as paranóias, acha-se que há algo errado como vermelho, mas as vezes percebe-se que é inocente como azul.

